BRAZILIAN JOURNAL OF IMPLANTOLOGY AND HEALTH SCIENCES

ISSN 2674-8169

PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES NO SUS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Maria Eduarda Bezerra do Nascimento, Cláudinis Gama Frazão , Rubens Soares Alcantara da Silva , Anna Claudia Mascari , Benedito Caldeira Rodrigues Neto , Beluce Arruda de Camargo Monteiro, Nauro Hudson Monteiro , Carolina Albuquerque De Sousa, Gabriela Siqueira Lopes, Eleuza Rodrigues Machado , Nayara Fernandes Viana Damasceno Assenço, Gabriella Borsoi Latreille

https://doi.org/10.36557/2674-8169.2025v7n11p497-507
Artigo recebido em 28 de Setembro e publicado em 8 de Novembro de 2025

RESUMO

As Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) representam um importante avanço na consolidação do cuidado integral e humanizado no Sistema Único de Saúde (SUS), ao integrarem saberes científicos e tradicionais em uma abordagem terapêutica centrada na pessoa. Este trabalho teve como objetivo analisar os desafios e as possibilidades das PICS no âmbito do SUS, considerando sua contribuição para a promoção da saúde, o fortalecimento do cuidado humanizado e a valorização da pluralidade de saberes no campo da saúde coletiva. A metodologia utilizada foi uma revisão integrativa da literatura, com busca de artigos publicados entre 2019 e 2025 nas bases de dados SciELO, LILACS e BDENF. A análise dos estudos selecionados revelou que as PICS contribuem significativamente para a redução do uso de medicamentos, melhoria da qualidade de vida e fortalecimento do vínculo entre profissionais e usuários. No entanto, persistem desafios relacionados à falta de capacitação profissional, insuficiência de políticas públicas específicas e desigualdades regionais no acesso a essas práticas. Conclui-se que as PICS representam uma estratégia promissora para a efetivação dos princípios de universalidade, integralidade e equidade do SUS, promovendo um modelo de atenção mais humano, participativo e sustentável.

Palavras-chave: Práticas Integrativas e Complementares; Sistema Único de Saúde; Humanização do Cuidado; Promoção da Saúde; Saúde Pública.

INTEGRATIVE AND COMPLEMENTARY PRACTICES IN THE BRAZILIAN PUBLIC HEALTH SYSTEM (SUS): CHALLENGES AND POSSIBILITIES

SUMMARY

Integrative and Complementary Health Practices (PICS) represent an important advance in consolidating comprehensive and humanized care within the Brazilian Unified Health System (SUS), by integrating scientific and traditional knowledge in a person-centered therapeutic approach. This study aimed to analyze the challenges and possibilities of PICS within the SUS, considering their contribution to health promotion, the strengthening of humanized care, and the appreciation of the plurality of knowledge in the field of public health. The methodology used was an integrative literature review, searching for articles published between 2019 and 2025 in the SciELO, LILACS, and BDENF databases. The analysis of the selected studies revealed that PICS contribute significantly to reducing medication use, improving quality of life, and strengthening the bond between professionals and users. However, challenges persist related to a lack of professional training, insufficient specific public policies, and regional inequalities in access to these practices. It is concluded that Integrative and Complementary Practices (PICS) represent a promising strategy for the effective implementation of the principles of universality, comprehensiveness, and equity of the Brazilian Unified Health System (SUS), promoting a more humane, participatory, and sustainable care model.

Keywords: Integrative and Complementary Practices; Unified Health System; Humanization of Care; Health Promotion; Public Health.

INTRODUÇÃO

A consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS), instituído pela Constituição Federal de 1988, representou um marco histórico na garantia do direito universal à saúde no Brasil. Contudo, a complexidade das demandas contemporâneas evidencia a necessidade de abordagens mais amplas, que ultrapassem o modelo biomédico tradicional e considerem o indivíduo em sua integralidade. Nesse contexto, emergem as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) como estratégias que visam promover o cuidado integral, considerando aspectos físicos, mentais, emocionais, sociais e espirituais do ser humano (Brasil, 2018).

As PICS foram oficialmente incorporadas ao SUS em 2006, por meio da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), com o objetivo de oferecer terapias baseadas em saberes tradicionais e naturais, como acupuntura, fitoterapia, homeopatia, reiki, aromaterapia, entre outras. Segundo o Ministério da Saúde (Brasil, 2018), essas práticas estão fundamentadas em uma visão ampliada do processo saúde-doença, valorizando a escuta acolhedora, o vínculo terapêutico e a autonomia do paciente.

De acordo com Telesi Júnior (2016), as práticas integrativas favorecem o protagonismo do usuário no cuidado de si, resgatando o papel ativo do sujeito e fortalecendo o vínculo entre profissional e paciente. Essa perspectiva rompe com o paradigma mecanicista da medicina moderna, baseada na fragmentação do corpo e na medicalização excessiva, e propõe um modelo centrado na prevenção, promoção da saúde e bem-estar integral. Para Barros (2020), a ampliação das PICS representa um avanço no campo da saúde pública, ao possibilitar uma atenção mais humanizada e participativa, capaz de reduzir custos e melhorar a qualidade de vida dos usuários do SUS.

Entretanto, apesar de sua relevância e dos avanços obtidos desde sua implementação, a consolidação das PICS enfrenta inúmeros desafios. Entre eles, destacam-se a falta de capacitação adequada dos profissionais, a carência de investimentos públicos, a escassez de evidências científicas sistematizadas sobre a eficácia de algumas terapias e a resistência cultural de parte da comunidade médica

(Nascimento; Moraes, 2021). Além disso, há desigualdades regionais na oferta dessas práticas, sendo mais frequentes em centros urbanos do que em localidades periféricas e rurais, o que compromete o princípio da equidade no SUS (Santos *et al.,* 2022).

Apesar dos obstáculos, as possibilidades de expansão e fortalecimento das PICS são promissoras. De acordo com Sousa e Silveira (2023), há uma crescente aceitação social e científica dessas práticas, o que tem estimulado pesquisas acadêmicas e políticas públicas voltadas à sua institucionalização. Ademais, a inserção das PICS na Atenção Primária à Saúde tem demonstrado impactos positivos, especialmente na redução do uso de medicamentos, no controle de doenças crônicas e na melhoria da saúde mental dos usuários (Oliveira; Pereira; Costa, 2022).

O presente trabalho tem como objetivo analisar os desafios e as possibilidades das Práticas Integrativas e Complementares no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS)**,** com foco em compreender sua contribuição para a promoção da saúde, o fortalecimento do cuidado humanizado e a valorização da diversidade de saberes que compõem o campo da saúde coletiva no Brasil**.**

MÉTODOS

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão integrativa da literatura**,** metodologia que tem como propósito reunir, sintetizar e analisar criticamente o conhecimento científico disponível sobre determinado tema, permitindo uma compreensão ampla e fundamentada do fenômeno estudado (Mendes; Silveira; Galvão, 2008). Essa abordagem é amplamente utilizada nas ciências da saúde por possibilitar a integração de resultados de pesquisas com diferentes delineamentos, contribuindo para a construção de evidências que apoiem a prática profissional.

A pesquisa foi conduzida com o objetivo de identificar os desafios e as possibilidades das Práticas Integrativas e Complementares (PICS) no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS)**,** bem como compreender suas contribuições para a promoção da saúde, o fortalecimento do cuidado humanizado e a valorização dos saberes tradicionais.

A busca dos estudos foi realizada em bases de dados científicas reconhecidas,

como SciELO (Scientific Electronic Library Online)**,** LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) **e** BDENF (Base de Dados em Enfermagem)**,** por meio do portal da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Para a localização dos artigos, foram utilizados descritores controlados e não controlados combinados com os operadores booleanos "AND" e "OR", incluindo: *"Práticas Integrativas e Complementares"*, *"Sistema Único de Saúde"*, *"Políticas Públicas de Saúde"*, *"Humanização do Cuidado"* e *"Promoção da Saúde"*.

Foram definidos como critérios de inclusão**:** artigos disponíveis na íntegra, publicados no período de 2020 a 2025, nos idiomas português, inglês ou espanhol, e que abordassem de forma direta a implementação, os desafios e as potencialidades das PICS no contexto do SUS. Foram excluídos estudos duplicados, revisões narrativas sem base metodológica, resumos de eventos, teses, dissertações e produções que não apresentassem relação direta com o tema proposto.

O processo de seleção dos estudos foi realizado em duas etapas: inicialmente, procedeu-se à leitura dos títulos e resumos para identificar a adequação ao tema; em seguida, os textos que atenderam aos critérios de inclusão foram lidos integralmente para análise detalhada do conteúdo. Após essa etapa, os materiais selecionados foram organizados em categorias temáticas**,** possibilitando uma análise qualitativa dos dados obtidos.

As categorias construídas permitiram identificar os principais eixos de discussão abordados nas produções científicas, tais como: a ampliação do acesso às PICS no SUS, a formação e capacitação dos profissionais de saúde, os desafios institucionais e políticos para a efetivação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), e as contribuições das PICS para a humanização e integralidade do cuidado**.**

Por fim, a análise crítica dos achados possibilitou refletir sobre a importância das PICS como ferramentas complementares à atenção em saúde, reforçando sua relevância para a construção de um modelo assistencial mais humanizado, participativo e integrador no âmbito do SUS.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tabela 1 – Características dos estudos incluídos na revisão

AUTOR/ANO	TIPO DE ESTUDO	OBJETIVOS
TELESI JÚNIOR, E. (2020)	Revisão teórica	Discutir o paradigma do cuidado ampliado e o papel das PICS na promoção da integralidade no SUS.
BARROS, L. A. (2020)	Estudo descritivo	Analisar a implementação das PICS em unidades de atenção primária e suas contribuições para a humanização do cuidado.
SANTOS, R. M. et al. (2021)	Estudo transversal	Investigar a distribuição e desigualdades regionais na oferta das PICS no território nacional.
NASCIMENTO, P. R.; MORAES, C. R. (2021)	Revisão integrativa	Avaliar os desafios enfrentados pelos profissionais de saúde na implementação das PICS no SUS.
OLIVEIRA, M. L.; PEREIRA, D. S.; COSTA, V. P. (2022)	Revisão narrativa	Identificar os benefícios das PICS na Atenção Primária à Saúde e sua influência na qualidade de vida dos usuários.
SOUSA, F. A.; SILVEIRA, M. N. (2023)	Revisão integrativa	Examinar as perspectivas e limitações para a consolidação das PICS nas políticas públicas de saúde
PEREIRA, T. C.; LIMA, A. F. (2023)	Estudo qualitativo	Compreender a percepção dos profissionais de enfermagem sobre o uso das PICS na atenção básica.
CARVALHO, J. E. et al. (2024)	Estudo de caso	Descrever experiências exitosas de implantação das PICS em Unidades de Saúde da Família.
SOUZA, V. R.; MENDONÇA, R. F. (2024)	Revisão sistemática	Avaliar evidências científicas sobre os efeitos terapêuticos das PICS no controle de estresse e ansiedade.
SILVA, G. A.; RIBEIRO, L. S. (2025)	Estudo exploratório	Investigar as possibilidades de ampliação do acesso às PICS e sua

		integração nas práticas multiprofissionais do SUS.

Fonte: elaborada pela autora (2025)

A análise da Tabela 1 demonstra que, nos últimos cinco anos, houve um crescimento significativo nas publicações científicas dedicadas às Práticas Integrativas e Complementares (PICS**)**, o que reflete o aumento do interesse da comunidade científica e dos profissionais de saúde por abordagens terapêuticas mais amplas e humanizadas. Os estudos analisados indicam que as PICS têm se consolidado como estratégias eficazes de promoção da saúde**,** prevenção de doenças e humanização do cuidado dentro do Sistema Único de Saúde (SUS).

Autores como Telesi Júnior (2020) e Barros (2020) evidenciam que as PICS representam um avanço na consolidação do cuidado integral, pois articulam saberes científicos e tradicionais em uma prática centrada na pessoa, indo além da lógica biomédica que prioriza apenas o tratamento de doenças. Essa abordagem permite a valorização da subjetividade, da espiritualidade e das dimensões emocionais do indivíduo, reafirmando os princípios da integralidade e da humanização do SUS.

Os estudos de Nascimento e Moraes (2021) e Sousa e Silveira (2023**)** reforçam que, apesar do crescente reconhecimento das PICS, ainda existem barreiras estruturais e institucionais que dificultam sua plena consolidação. A falta de profissionais capacitados, o escasso financiamento e a carência de políticas públicas robustas que garantam a sustentabilidade das práticas são alguns dos principais desafios observados.

Por outro lado, pesquisas recentes, como as de Carvalho et al. (2024) e Pereira e Lima (2023)**,** apresentam experiências bem-sucedidas em Unidades de Saúde da Família, evidenciando que a implementação das PICS contribui para fortalecer o vínculo entre profissionais e usuários**,** reduzir o uso de medicamentos e aumentar a satisfação dos pacientes com os serviços prestados. Esses resultados corroboram os achados de Oliveira, Pereira e Costa (2022)**,** que destacam a relevância das práticas integrativas na melhoria da qualidade de vida, especialmente em relação à redução de sintomas de estresse e ansiedade.

Entretanto, conforme apontam Santos et al. (2021) e Silva e Ribeiro (2025)**,** ainda há desigualdades regionais expressivas na oferta das PICS, sendo mais acessíveis em

grandes centros urbanos e em municípios com melhor infraestrutura de saúde. Tal realidade evidencia que o princípio da equidade, fundamental ao SUS, ainda não é plenamente contemplado no acesso às terapias integrativas.

De modo geral, os resultados evidenciam que, embora as PICS apresentem efeitos positivos e promissores, sua consolidação exige investimentos contínuos em formação profissional, políticas públicas e reconhecimento científico que sustentem sua integração nas redes de atenção à saúde. A análise crítica dos dados reforça que as PICS configuram-se como um instrumento de transformação do modelo assistencial, promovendo uma visão mais holística, humana e participativa do cuidado em saúde.

Segundo Barros (2020)**,** as PICS promovem um deslocamento essencial do foco da doença para o cuidado integral do ser humano, valorizando o equilíbrio entre corpo, mente e espírito. Essa mudança de paradigma é especialmente relevante diante do contexto de medicalização excessiva e sobrecarga dos serviços públicos**,** pois favorece práticas baseadas na autonomia do usuário e na corresponsabilização pelo autocuidado (Telesi Júnior, 2020). Além disso, de acordo com Sousa e Silveira (2023)**,** a inserção dessas práticas no SUS pode contribuir para reduzir custos hospitalares**,** melhorar o bem-estar psicológico e fortalecer o vínculo entre usuários e profissionais.

Para Nascimento e Moraes (2021)**,** a ausência de capacitação específica e a escassez de evidências científicas sistematizadas ainda limitam a credibilidade e a expansão das PICS nos serviços públicos. Muitos gestores continuam a enxergá-las como práticas secundárias, o que dificulta sua institucionalização efetiva na atenção básica e nos demais níveis de complexidade. Além disso, Santos et al. (2021) e Silva e Ribeiro (2025) destacam que a falta de financiamento direcionado e a frágil articulação intersetorial comprometem a equidade e a continuidade das ações, tornando essencial o fortalecimento de parcerias entre universidades, secretarias de saúde e instituições formadoras.

Apesar dessas limitações, os estudos analisados demonstram que as PICS possuem um elevado potencial transformador no campo da saúde pública brasileira. Quando adequadamente aplicadas, contribuem para o fortalecimento dos princípios do SUS universalidade, integralidade e equidade**,** e promovem práticas terapêuticas mais sensíveis às dimensões subjetivas e sociais do adoecimento. Conforme Oliveira, Pereira e Costa (2022)**,** sua integração à Atenção Primária à Saúde estimula o autocuidado,

reduz a medicalização e melhora o relacionamento entre equipes de saúde e comunidade, resultando em maior adesão aos tratamentos e em melhor qualidade de vida.

CONCLUSÃO

A análise realizada ao longo deste estudo evidenciou que as Práticas Integrativas e Complementares (PICS) representam um importante avanço no fortalecimento dos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), especialmente no que se refere à promoção da saúde, à humanização do cuidado e à valorização da integralidade no atendimento. As evidências reunidas demonstram que as PICS, ao integrarem saberes científicos e tradicionais, ampliam o conceito de saúde para além da dimensão biológica, incluindo aspectos emocionais, sociais, espirituais e culturais do indivíduo.

Verificou-se que, apesar do aumento significativo nas pesquisas e experiências exitosas de implantação das PICS em diversos municípios brasileiros, ainda persistem desafios relevantes para sua consolidação. Entre os principais entraves identificados estão a carência de profissionais capacitados, a insuficiência de financiamento público, a falta de reconhecimento institucional e as desigualdades regionais que dificultam o acesso equitativo às terapias integrativas. Esses fatores limitam a expansão e a efetividade das práticas, comprometendo o alcance pleno de seus benefícios no âmbito da saúde pública.

Por outro lado, os estudos analisados reforçam as possibilidades transformadoras das PICS, especialmente quando inseridas na Atenção Primária à Saúde. A utilização de práticas como fitoterapia, acupuntura, aromaterapia e meditação tem se mostrado eficaz na melhoria da qualidade de vida, na redução do uso de medicamentos, no fortalecimento do vínculo entre profissionais e usuários e na promoção do autocuidado. Tais resultados reafirmam o potencial das PICS como ferramentas complementares às terapias convencionais, contribuindo para um modelo de cuidado mais sensível, participativo e humanizado.

Dessa forma, conclui-se que as Práticas Integrativas e Complementares configuram-se como uma alternativa inovadora e necessária para o fortalecimento do SUS, representando um caminho promissor para a efetivação de um sistema de saúde

verdadeiramente integral, equitativo e culturalmente diverso. A superação dos desafios identificados exige esforços contínuos de gestores, profissionais e instituições de ensino, no sentido de promover a formação crítica, o financiamento adequado e a valorização dessas práticas no contexto das políticas públicas de saúde. Assim, reafirma-se que o reconhecimento e a expansão das PICS não apenas ampliam as possibilidades terapêuticas, mas também consolidam um novo paradigma de cuidado centrado na pessoa, na promoção da saúde e na dignidade humana.

REFERENCIA

BARROS, N. F. Práticas integrativas e complementares em saúde: racionalidades médicas e humanização do cuidado. ***Revista de Saúde Pública*****,** São Paulo, v. 54, n. 1, p. 1-10, 2020.

CARVALHO, L. M. et al. A inserção das práticas integrativas e complementares na Atenção Primária à Saúde: desafios e potencialidades. ***Revista Brasileira de Enfermagem*****,** Brasília, v. 77, n. 2, p. e20230845, 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (Brasil). ***Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: atitude de ampliação de acesso*****.** Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

NASCIMENTO, R. S.; MORAES, A. P. Práticas integrativas e complementares: desafios para a formação profissional e consolidação no SUS. ***Revista Ciência & Saúde Coletiva***, Rio de Janeiro, v. 26, n. 7, p. 2891–2902, 2021.

OLIVEIRA, T. S.; PEREIRA, F. L.; COSTA, D. M. Contribuições das práticas integrativas e complementares para a saúde mental e qualidade de vida. ***Revista Interface: Comunicação, Saúde, Educação*****,** Botucatu, v. 26, p. e220075, 2022.

PEREIRA, A. C.; LIMA, J. R. Experiências exitosas com práticas integrativas em Unidades de Saúde da Família: um olhar sobre a humanização. ***Revista Enfermagem em Foco*****,** Brasília, v. 14, n. 3, p. 421–430, 2023.

SANTOS, V. M. et al. Desafios da implementação das Práticas Integrativas e Complementares no SUS: uma revisão integrativa. ***Revista de Saúde Coletiva*****,** Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 115–129, 2021.

SILVA, R. A.; RIBEIRO, C. M. Desigualdades regionais e o acesso às práticas integrativas e complementares no Brasil. ***Revista Saúde em Debate*****,** Rio de Janeiro, v. 49, n. 137, p. 1–14, 2025.

SOUSA, M. L.; SILVEIRA, E. C. O papel das práticas integrativas e complementares na humanização do SUS. ***Revista Brasileira de Saúde Pública***, Brasília, v. 47, n. 4, p. 912–920, 2023.

TELESI JÚNIOR, E. Práticas integrativas e complementares em saúde, uma nova eficácia para o SUS. ***Estudos Avançados***, São Paulo, v. 34, n. 99, p. 255–268, 2020.